

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσθμίου τῆς ἑξέως ἡμετέρας ἡμετέρας  
ἡμετέρας ἡμετέρας ἡμετέρας ἡμετέρας  
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

assunto. No fim da obra está uma lista com as abreviaturas de periódicos, colecções e enciclopédias (pp. 575-578), uma lista bibliográfica (pp. 579-580), uma tábua cronológica (pp. 581-583) e um glossário (pp. 585-589) mais os créditos iconográficos (p. 591).

Trata-se em suma de um recomendado instrumento de pesquisa que dignifica o seu Autor, e que pode bem emparceirar com outros seus conhecidos trabalhos tanto de interesse para o grande público como para especialistas, como o catálogo *L'Égypte des Pharaons au Musée du Caire* (Paris, 1979; depois reeditado com um prefácio de Jean Leclant) e *Toutânkhamon, le Trésor* (Paris, 2000).

**Luís Manuel de Araújo**

**ZAHİ HAWASS** (texto) e **SANDRO VANNINI** (fotografias), *The Royal Tombs of Egypt: The Art of Thebes Revealed*, Londres: Thames & Hudson, 2006, 315 pp., ISBN 0-500-51322-8

Constituindo um dos vultos mais mediáticos da egiptologia actual, Zahi Hawass tem utilizado sabiamente a sua visibilidade internacional para chamar a atenção do público em geral para as questões relacionadas com a gestão e o controlo dos recursos patrimoniais do seu país. Apesar do seu trabalho como director do Conselho Supremo do Serviço de Antiguidades do Egipto o vocacionar naturalmente mais para as questões da arqueologia e da conservação, Zahi Hawass tem também contribuído com várias obras de divulgação, normalmente destinadas a um público não especializado. Luxuosamente ilustrado, o álbum que aqui apresentamos é mais uma destas obras que, embora se dirijam a esse tipo de público, tem pelo menos a virtude de abordar um tema difícil que tem permanecido uma área «hermética» no âmbito da própria egiptologia.

O objectivo do trabalho é a caracterização dos túmulos reais do Vale dos Reis os quais, apesar da enorme projecção mediática que os rodeia, são infelizmente mal conhecidos e insuficientemente documentados. O livro propõe-se, portanto, colmatar esta lacuna e a proporcionar aos entusiastas na civilização do Antigo Egipto, uma informação sucinta que torne acessível um corpo de documentos efectivamente difícil de estudar em pormenor. Como o próprio autor sumariamente refere, o estudo das grandes composições iconográficas tem sido alvo de um estudo que foi desenvolvido ao longo de

várias gerações de grandes egiptólogos. A Alexandre Piankoff, o pioneiro no estudo destas elaboradas composições, sucedeu Erik Hornung, a quem se devem alguns dos mais completos trabalhos nesta área, e, posteriormente, Friedrich Abitz.

Para além de uma breve introdução às sepulturas reais do Antigo Egipto, o livro dedica um capítulo à construção e equipamento dos túmulos reais onde, entre outros aspectos, aflora questões relacionadas com a função simbólica dos elementos arquitectónicos dos túmulos. Ao longo dos sete capítulos seguintes, o texto de Zahi Hawass e as fotografias de Sandro Vannini vão revelando ao leitor o significado das belas e complexas representações pictóricas que decoram o interior dos túmulos do Vale dos Reis. A abrir esta apresentação, o segundo capítulo aborda as representações do faraó em convívio com as divindades, mas a partir do terceiro capítulo o volume é dedicado à apresentação das elaboradas composições iconográficas que ilustram o percurso de regeneração do Sol no Além. No terceiro capítulo é apresentado o «Livro do Amduat» («O livro do que está no Além»), a mais antiga das composições iconográficas que ilustra o percurso do Sol ao longo das doze horas. Apesar da complexidade do tema, o autor conseguiu transmitir de modo notavelmente claro as principais ideias de força relacionadas com a temática. No quarto capítulo é abordado o «Livro das Portas» que, à semelhança da composição anterior também se desenrola ao longo de doze horas. O quinto capítulo trata de outros importantes textos de âmbito fúnebre como o «Livro das Cavernas» e o «Livro da Terra», onde a ideia de percurso é substituída pela ênfase na união de Ré e de Osíris, bem como no abate ritual dos inimigos da ordem cósmica. No sexto capítulo são abordadas as «Litanias de Ré», composições que enfatizavam o percurso cíclico do deus solar na manutenção da ordem cósmica. O sétimo capítulo é dedicado ao famoso «Livro dos Mortos» (isto é, os «Capítulos para sair para a luz do dia»), uma composição normalmente editada em suporte de papiro e utilizada pela elite egípcia mas que, pontualmente, foi também transposta para a decoração tumular de alguns faraós. Inexplicavelmente, uma boa parte das ilustrações compreendidas nesta secção apresenta a decoração pictórica do túmulo de Nefertari, uma sepultura do Vale das Rainhas e não do Vale dos Reis, assinalando provavelmente uma concessão ao aspecto estético e demonstrando um certo espírito «sensacionalista» da obra. No oitavo capítulo é abordado o «Livro dos Céus», a soberba composição que decora sumptuosamente os tectos de alguns dos túmulos reais e

onde o percurso do Sol é associado ao trajecto que efectua no corpo da deusa Nut. Finalmente as difíceis questões relacionadas com salvaguarda do património do Vale dos Reis são apresentadas no último capítulo. Um glossário e uma lista de ilustrações encerram o volume.

Apesar dos aspectos positivos apontados, há outros menos conseguidos, e entre os aspectos mais decepcionantes do livro conta-se a ausência total de elementos documentais que, até para um público indiferenciado, se revelariam interessantes. Um mapa com a localização de todas as sepulturas do Vale dos Reis é a ausência mais gritante, mas é igualmente decepcionante a ausência de diagramas que ilustrem pelo menos alguns tipos de sepulturas reais do Vale dos Reis: desde os túmulos de planta em ângulo recto (da XVIII dinastia) aos túmulos de plano linear (da XIX dinastia). Igualmente decepcionante é o facto de nenhuma das composições abordadas ser apresentada na totalidade para possibilitar uma leitura de conjunto. Infelizmente, apesar das excelentes fotografias, o álbum acaba por desperdiçar o recurso documental das imagens, cuja função parece quase exclusivamente o de explorar o seu valor estético. O texto, por outro lado, consegue apresentar uma informação sucinta e, embora dirigida a um público não especializado, mantém-se, em geral, fiel aos conteúdos originais. Se, na maior parte dos casos, este jogo de cintura foi feito de modo airoso, pontualmente acabou por resvalar para noções imprecisas e um pouco fantasistas, como o uso do termo «dogma» (p. 9), cuja aplicação à religião egípcia levanta muitos problemas.

**Rogério Ferreira de Sousa**

**FLORENCE MARUÉJOL**, *Thoutmosis III et la corégence avec Hatchepsout*, Paris: Pygmalion, 2007, 479 páginas com 55 figuras a preto e branco e 21 fotografias a cores. ISBN 978-2-8570-4894-7

Em primeiro lugar, apresentemos alguns dados sobre a Autora: doutorada em Egiptologia pela Université Paris IV-Sorbonne, Florence Maruéjol, tem participado em escavações no Vale das Rainhas e, actualmente, encontra-se a ultimar uma investigação aprofundada sobre um obelisco da rainha Hatchepsut para o Centre Franco-Égyptien d'Étude des temples de Karnak. Concomitantemente, exerce a docência no Institut Khéops de Paris e publicou outros livros e artigos para revistas científicas.